

# O conceito de apropriação na perspectiva histórico-cultural

Cláudia Maria Mendes Gontijo

Doutora em Educação (UNICAMP). Professora da UFES, atuando no Departamento de Educação da UFSCar.  
e-mail: cmmg@power.ufscar.br

## Resumo

Por meio da Perspectiva Histórico-Cultural na Psicologia, a autora analisa o conceito de apropriação, discute a questão do biológico e cultural no desenvolvimento infantil e aborda o processo que torna possível a conversão para o plano individual das funções psíquicas que são constituídas no plano social.

## Palavras-chave

Mediação, cultural, biológico.

## Abstract

From the Historical-Cultural perspective of Psychology, the concept of appropriation is analyzed, biological and cultural issues of child development are discussed and the process which makes it possible to convert psychic functions, constituted in the social sphere, to the individual sphere as well.

## Key words

Mediation, cultural, biological.

Atualmente, temos observado uma difusão das idéias de Vigotski no meio educacional brasileiro. Se, por um lado, essa difusão é importante para que os educadores/pesquisadores ampliem suas possibilidades de análise do processo educativo, por outro, produz interpretações que podem perder de vista os pressupostos essenciais das idéias desenvolvidas pelo autor.

Consideramos que o conceito de apropriação seja essencial e diferenciador da Perspectiva Histórico-Cultural de outras abordagens psicológicas. Por isso, propomos, neste artigo, analisar esse conceito. Para entendê-lo, no entanto, é necessário evidenciar como compreendemos, com base nessa perspectiva teórica, a questão do biológico e cultural no desenvolvimento infantil e o processo que torna possível a constituição no plano individual das funções psíquicas que são formadas no plano social.

Assim, analisaremos, inicialmente, a questão do biológico e cultural no desenvolvimento infantil, para, em seguida, discutirmos o conceito de apropriação e, finalmente, abordarmos a mediação semiótica – processo que torna possível a apropriação pelos indivíduos dos resultados do desenvolvimento histórico da humanidade.

## 1. O biológico e o cultural no desenvolvimento infantil

A Perspectiva Histórico-Cultural, elaborada pela escola de Vigotski, fornece os pressupostos que contribuem para romper dualismos que marcaram os estudos na Psicologia e para compreendermos que não existem mecanismos internos de conhecimento da realidade independentes das relações sociais historicamente situadas.

Certamente, os estudos de Vigotski não constituem uma obra acabada. O próprio

Vigotski, segundo Leontiev, Luria e Tieplov (1987), estava consciente da incompletude de seu programa de estudos. Entretanto, os estudos desse autor “fornecem um conjunto de pressupostos, fundados no materialismo-histórico e dialético, e algumas elaborações teóricas que definem as grandes linhas do que pode ser considerado um novo paradigma epistemológico” (Pino, 1991, p. 13-14), principalmente se considerarmos os estudos desenvolvidos por Luria e Leontiev, dois dos seus mais importantes companheiros na busca de elaboração de uma nova Psicologia.

Segundo Luria (1996, p. 151), o estudo do desenvolvimento ontogenético deve levar em conta que este é resultado de uma

(...) evolução complexa que combina pelo menos três trajetórias: a da evolução biológica desde os animais até o ser humano, a da evolução histórico-cultural, que resultou na transformação gradual do homem primitivo no homem cultural moderno, e a do desenvolvimento individual de uma personalidade específica (ontogênese), com o que um pequeno recém-nascido atravessa inúmeros estágios, tornando-se escolar e a seguir um homem adulto cultural.

Para a análise da evolução biológica, Vigotski (1996) baseou-se nas idéias de Marx e Engels sobre a história humana. De acordo com Leontiev, Engels acreditava na idéia de uma origem animal para o homem, conforme elaborada por Darwin, mas mostrou, também, que o homem é distinto dos seus antepassados animais “e que a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; que esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas às *leis sócio-históricas*” (1978, p. 262, grifos do autor). Para Marx, os homens e os animais realizam

uma atividade produtiva, porém, "o animal se identifica imediatamente com sua atividade vital; não se distingue dela; é ela. O ser humano torna sua atividade vital, ela mesma, objeto de sua vontade e de sua consciência" (apud Konder, 1992, p. 104). O homem é um ser natural e pertence à natureza, mas a sua atividade produtiva permite-lhe adquirir "uma relativa autonomia no que faz, passa a fazer escolhas, a tomar iniciativas e assumir riscos. Nesse sentido, *o ser humano tem um modo peculiar de assumir a sua espécie* (que é o gênero humano)" (Konder, 1992, p.104, grifos do autor). Ele produz universalmente, ou seja, produz também *livre das necessidades físicas – e de fato só assim produz de maneira verdadeiramente humana.*

Nessa perspectiva, a invenção e o uso de ferramentas no trabalho demarcam "o fim da etapa orgânica de desenvolvimento comportamental na seqüência evolutiva (...) e [tornam-se] o principal pré-requisito psicológico do desenvolvimento histórico do comportamento" (Vigotski, 1996, p. 52). Analisando os experimentos de Köhler sobre o uso de instrumentos pelos animais, Vigotski concluiu que esse uso nunca se desenvolve em trabalho. Por isso, "o uso de instrumentos na ausência do trabalho é o que mais aproxima o comportamento do homem e do macaco e, ao mesmo tempo, o que mais os afasta" (1996, p. 87).

Assim, a invenção e o uso de instrumentos são os fundamentos para a construção de uma nova forma de *interação* com a natureza, mas não definem o processo histórico de desenvolvimento da humanidade. Para que esse processo seja iniciado, é necessário que essas atividades se desenvolvam em situação de trabalho. De acordo com Duarte, o trabalho "é originariamente uma atividade imediatamente coletiva, exige, portanto, a atividade comunicativa. A atividade de comunicação foi,

ao longo da história primitiva, se objetivando em processos que geraram a linguagem" (1993, p. 33). Desse modo, o uso de instrumentos no trabalho permitiu ao homem controlar a natureza e o surgimento da linguagem permitiu-lhe dominar o seu próprio comportamento e o de outros homens. O uso dos signos constitui, dessa forma, "o conteúdo principal de toda história do desenvolvimento cultural" (Vigotski, 1996, p. 91). Nessas condições, o desenvolvimento do homem é definido pela história social e não mais por leis naturais. "O homem e a humanidade libertam-se (...) do 'despotismo da hereditariedade e podem prosseguir o seu desenvolvimento num ritmo desconhecido no mundo animal'" (Leontiev, 1978, p. 264).

O início de um novo processo de desenvolvimento – histórico-cultural – produziu mudanças extraordinárias no homem e na natureza. Ao agir sobre a natureza e em relação com outros homens, munidos dos instrumentos técnicos e dos signos, o homem cria uma natureza completamente nova, ao mesmo tempo em que modifica e transforma a si mesmo, adquirindo um controle cada vez maior sobre as forças da natureza e produzindo uma variedade de capacidades e necessidades que se tornam o ponto de partida de novo autodesenvolvimento.

Dessa forma, a apropriação da cultura, produzida pelo homem, ao longo de sua história social, tornou-se um requisito fundamental para a humanização. Podemos dizer, concordando com Leontiev, "que cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana" (1978, p. 267).

O processo de desenvolvimento histórico não coincide com o processo de evolução

biológica no decurso da história humana, mas, na criança, essas duas linhas evolutivas estão fundidas, formando um processo único e complexo. Isso significa que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, o desenvolvimento cultural na criança, apóia-se sobre os processos de maturação e crescimento, formando um todo único. "Como o desenvolvimento orgânico tem lugar em um meio cultural, ele se converte em um processo biológico condicionado historicamente. Por outro lado, o desenvolvimento cultural adquire um caráter particular e incomparável, já que se realiza simultaneamente com a maturação orgânica, portanto seu portador é o organismo da criança que *amadurece e cresce*" (Vigotski, 1987, p. 40, grifos e tradução nossos).

Assim, a apropriação pelas crianças dos resultados do desenvolvimento histórico, das produções humanas, ocorre simultaneamente com o processo de desenvolvimento biológico. Por isso, o desenvolvimento cultural na criança adquire um *caráter particular, peculiar, específica*, que não deve ser comparado ao desenvolvimento da espécie humana (filogenético) e ao processo histórico de construção da cultura pelos homens, pois não é uma recapitulação desses processos: ele é também obra da própria criança que se desenvolve.

Lúria (1996), ao descrever o desenvolvimento cultural, diz que a criança passa por quatro fases que *podem ser encontradas em quase todos os processos desde os mais simples até os mais complexos*. A primeira fase é caracterizada pelas formas naturais de comportamento, ou a fase primitiva. Essa fase diferencia-se das demais pela incapacidade da criança de usar funcionalmente os meios culturais disponíveis. Na segunda fase, denominada *fase ingênua*, a criança utiliza determinados meios culturais que lhe são apresentados, mas não compreende a sua função. No terceiro

estágio, "a criança compreende a possibilidade de um uso instrumental ativo dos meios culturais" (1996, p. 219). No estágio do uso interno de meios culturais, quarto estágio, "as técnicas externas e signos culturais aprendidos na vida social (...) [tomam-se] processos internos" (p. 219).

De modo geral, a visão de Vigotski e de Lúria sobre o desenvolvimento da criança pode ser resumida assim: "todas as crianças [passam] por um estágio de desenvolvimento 'natural' caracterizado pela incapacidade da criança para fazer uso dos meios culturais disponíveis. Como as crianças dessa idade não usam esses instrumentos, elas podem ser chamadas de 'primitivas', no sentido de pré-culturais" (Veer e Valsiner, 1996, p. 248). À medida que a criança cresce, estando imersa em relações sociais que lhe propiciam a aprendizagem, passa a fazer uso dos meios culturais disponíveis e a exercer um domínio, cada vez maior, sobre os seus próprios processos mentais.

Vigotski e seus colaboradores, ao definir as fases para o desenvolvimento infantil, deixaram à mostra que distinguiam (pelo menos em uma etapa de seus estudos) os processos naturais de desenvolvimento, que estão diretamente ligados aos processos biológicos, dos processos culturais, que dependem das apropriações, no decorrer do desenvolvimento ontogenético. Lúria, Leontiev e Tieplov assinalam que essa distinção, criticada na época, teve de fato lugar nos trabalhos de Vigotski, assim como nas investigações de seus colaboradores. Contudo, a proposição de etapas para o desenvolvimento infantil, que distinguiam os processos naturais e culturais, "es realmente inconsistente, pues, resulta que también, en los niños de la edad más temprana, los procesos psíquicos se forman bajo la influencia de la comunicación verbal con los adultos que los rodean y, por lo tanto, no son 'naturales'" (1987, p. 7). Desse modo, para esses autores, as apro-

priações que ocorrem, a partir do nascimento, resultam das relações que as crianças estabelecem com as outras pessoas.

Luria, Leontiev e Tieplov argumentam ainda que a contraposição não estava presente nas proposições metodológicas gerais de Vigotski.

Al contrario, Vigotski, al exponer sus puntos de vista teóricos, desarrollaba insistentemente la idea de que estas 2 formas sólo se pueden separar por medio de la abstracción: 'Ambos planos del desarrollo, el natural y el cultural, coinciden y se vierten uno el otro (...) Dado que el desarrollo orgánico se realiza en un medio cultural, se convierte, por tanto, en un proceso biológico condicionado históricamente' (1987, p. 7).

Sendo assim, para Vigotski (1987), as formas naturais (orgânicas) e as superiores (culturais) se desenvolvem simultaneamente constituindo um processo único. A análise que Vigotski (1987) desenvolveu sobre a *história do desenvolvimento do gesto indicativo* ilustra adequadamente a sua concepção sobre o desenvolvimento cultural. Para ele, o gesto indicativo é, inicialmente, apenas um movimento de agarrar fracassado, dirigido a um objeto de interesse da criança. Quando a criança tenta pegar o objeto, ela não tem a intenção de estabelecer contato com as outras pessoas ou de intervir em seus comportamentos. No entanto, esse movimento é interpretado pelas outras pessoas que estão à sua volta e adquire uma significação, no contexto das relações, que no princípio é externa, mas se transforma para a própria criança no que ele é para os outros. O movimento torna-se um gesto indicativo. Segundo esse autor, a criança é a última a se conscientizar da função que os seus movimentos assumem no interior das relações sociais. Assim, eles adquirem a função de indicação para os outros e, só mais tarde, transformam-se em indicação para a própria criança.

Conforme exemplificado, na ontogênese, o desenvolvimento cultural e o desenvolvimento biológico ocorrem simultaneamente, formando um processo único. Isso, segundo Vigotski (1987), constitui toda particularidade do desenvolvimento das funções psicológicas superiores na criança. O desenvolvimento cultural se apóia sobre um tipo específico de desenvolvimento biológico (humano), que possibilita e torna as apropriações possíveis, e as crianças, por nascerem imersas em um mundo cultural criado pelos seus antepassados e nas relações sociais que tornam as apropriações possíveis, iniciam o seu desenvolvimento cultural antes de terem encerrado seu desenvolvimento biológico. Desse modo, o desenvolvimento infantil, desde a mais tenra idade, não está ligado unicamente ao inventário biológico da criança e não pode ser compreendido a partir deste. A história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores nas crianças deve levar em conta as formas historicamente elaboradas de pensamento, como estas vão se constituindo num organismo que se desenvolve, por meio das relações que estabelecem com as pessoas que as rodeiam. No próximo item, discutiremos o processo que possibilita a constituição nas crianças das formas culturais.

Se as duas formas de desenvolvimento (cultural e biológico) estão integradas na ontogênese, então, como estas se relacionam, produzindo formas cada vez mais superiores de conduta? Vigotski, ao discutir a relação entre as formas superiores e inferiores, diz que "la relación entre las formas superior e inferior puede ser expresada de la mejor manera por el reconocimiento de lo que en dialéctica se conoce bajo el nombre de superación" (1987, p. 126). O termo superação significa, na Língua Portuguesa, "ato ou efeito de superar". Superar, por sua vez, significa vencer, destruir, dominar.

Vigotski (1987) recorda que o significado dessa expressão no alemão é, em primeiro lugar, *eliminar, negar*, mas ela significa também *conservar*. Dessa forma, o termo superação tem sentidos contraditórios. Com base nos sentidos que lhe são atribuídos no alemão, é possível dizer que os processos elementares e as leis que os regem permanecem, são conservados nas formas culturais. O exemplo do desenvolvimento do gesto indicativo é ainda ilustrativo. O movimento inicial realizado pela criança (gesto de agarrar) continua a existir independentemente do sentido que lhe é atribuído e, para realizá-lo, é necessário que se coloquem em ação as forças do seu corpo. No interior das relações sociais, ele se torna um gesto indicativo, adquirindo a qualidade de signo para os adultos e, depois, para as crianças que passarão a utilizá-lo para se relacionarem com as outras pessoas e alcançar um determinado objetivo (por exemplo, um brinquedo).

Segundo Vigotski (1987), a decomposição dos processos superiores em partes, ou seja, a análise dos processos elementares, não possibilita a compreensão das particularidades específicas das formas superiores e das leis que os regem (a visão de que o todo não surge da soma das partes é um pressuposto básico da dialética). Assim, se isolarmos o movimento que está na base do gesto indicativo e analisarmos as leis que o regem, não obteremos a sua forma superior. O movimento passa a ser um gesto indicativo para os outros que o interpretam como tal. Dessa forma, são as pessoas que, inicialmente, dão significados ao movimento da criança, sendo essa significação atribuída ao movimento, o elemento que possibilita compreender a relação entre os processos biológicos e culturais e, portanto, a passagem do biológico para o cultural sem, contudo, suprimir os primeiros, pois permanecem na base de qualquer função cultural e, sem eles,

o desenvolvimento não seria possível.

Em síntese, é possível dizer, com base nas elaborações dos autores da Perspectiva Histórico-Cultural, que o desenvolvimento infantil é um processo particular, porque as duas linhas de desenvolvimento – cultural e biológico – estão integradas e, dessa forma, formam um processo único. As funções psicológicas superiores se formam a partir dos processos biológicos presentes no organismo humano. No entanto, essas funções não podem ser compreendidas a partir dos processos biológicos, pois, nas formas culturais/superiores de atuação

(...) el signo y el modo de su utilización son un todo o foco que determina funcionalmente y por completo el proceso. De un modo análogo a como el uso de uno u otro instrumento dicta toda la estructura de la operación laboral, el carácter del signo utilizado aparece como aquel momento fundamental en dependencia del cual se constituye todo el resto del proceso (Vigotski, 1987, p. 131).

## 2. Sobre o processo de apropriação

O preceito do caráter mediado dos processos psíquicos conduz necessariamente à constatação de que esses processos são constituídos, primeiro, entre as pessoas para, depois, tornarem-se funções do próprio indivíduo. Se é assim, é necessária a existência de um processo que possibilite a conversão para o plano individual das funções que são construídas no plano social. Vigotski, ao longo dos seus trabalhos (aqueles a que tivemos acesso durante a elaboração deste estudo), denomina esse processo de internalização; Leontiev (1978) o chama de apropriação e diz que esse é o principal conceito introduzido por Vigotski na Psicologia. Não consideramos o termo internalização adequado, se

considerarmos a corrente filosófica que orienta os trabalhos do autor, mas acreditamos que o seu uso, por Vigotski, revela a sua impossibilidade de empenhar-se na elaboração de termos apropriados.

Contudo, o uso do termo internalização, pelos autores da Perspectiva Histórico-Cultural, tem gerado discussões sobre sua adequação. Pino (1992, p. 315) discute essa questão e assinala que

(...) a adequação ou não do uso de um determinado conceito a um determinado modelo teórico depende da função semântica que ele desempenha nesse modelo: contribuindo à construção do sentido da teoria ou, ao contrário, servindo a sua ocultação, distorção ou ambigüidade. No primeiro caso pode afirmar-se em princípio, que é adequado. No segundo, porém, parece mais consistente reconhecer que não é um termo adequado, podendo constituir um verdadeiro obstáculo epistemológico.

O termo internalização, por ser usado para explicar os processos que possibilitam a conversão da atividade social, intersíquica, em atividade individual, intrapsíquica, ou seja, o caráter social dos processos psíquicos, pressuposto diferenciador da perspectiva Histórico-Cultural na Psicologia de outros modelos que colocam no próprio indivíduo a origem das funções psíquicas superiores, é considerado, pelo autor, um termo não adequado no contexto do modelo teórico que inspira essa perspectiva. Pino (1992) assinala ainda que o uso do termo internalização é freqüente na literatura psicológica e, desse modo, foi usado em diferentes contextos teóricos, o que coloca a questão sobre sua adequação no contexto do modelo teórico que orienta os estudos na Perspectiva Histórico-Cultural.

O conceito de internalização, para Pino, "veicula uma visão dualista e naturalista do homem e do social" e, com base em Wertsch,

assinala que "reintroduz (...) o debate de um dos mais antigos e persistentes problemas da psicologia: o da conceitualização da relação entre atividade externa e atividade interna" (1992, p. 316). Contudo, acredita que a questão subjacente ao debate da relação entre atividade interna e atividade externa é mais profunda, "pois a relação interno/externo tem que ver com a concepção que se tem do homem, situado no eixo das coordenadas natureza & cultura, ou ordem biológica & simbólica" (p. 316). Nesse sentido, a preocupação de Pino com o uso do termo internalização é, por um lado, compreensível e extremamente procedente, mas, por outro, sabemos que os trabalhos de Vigotski estão inseridos no materialismo histórico e dialético e, em termos filosóficos, Marx já havia elaborado a crítica ao idealismo e a todo materialismo precedente, principalmente, nas *Teses sobre Feuerbach*, exatamente pela incapacidade de reconhecerem que a atividade teórica existe na prática social dos homens e, por isso, a atividade prática e a atividade teórica não se opõem e nem são independentes. Marx escreveu na primeira *Tese*:

A falha principal, até aqui, de todos os materialismos (incluindo o de Feuerbach) é que o objeto, a realidade efetiva, a sensibilidade, só é percebido sob a **forma do objeto ou da intuição**; mas não como **atividade sensivelmente humana, como prática**, e não de maneira subjetiva. É por isso que o lado **ativo** foi desenvolvido de maneira abstrata pelo idealismo – que, naturalmente, não reconhece como tal a atividade efetiva, sensível – em oposição ao materialismo. Feuerbach procurou objetos pensados: porém não captou a própria atividade humana como atividade **objetiva**. É por isso que só considera, em **A essência do cristianismo**, a atitude teórica como verdadeiramente humana, enquanto que a prática apenas é percebida e fixada em sua manifestação sordidamente judia. É por isso

que ele não compreende o significado da atividade 'revolucionária', da atividade prático-crítica (Marx, apud Labica, 1990, p. 30-1, grifos de Labica).

De acordo com a análise de Konder, a primeira *Tese* de Marx 'rompe, declaradamente, com 'todo o materialismo' elaborado até então (...) rompe inclusive com o materialismo de Feuerbach (que tinha ajudado Marx a ajustar contas com o idealismo de Hegel)' (1992, p. 114). Para Marx, conforme mostra Konder, Feuerbach distinguia "a atividade teórica, espiritual, digna, rica de potencialidades, da 'cabeça'; e a prática egoísta, grosseira, 'passiva', 'judaica', interesseira" (p. 114) e, dessa forma, "não reconhecia que a consciência é sempre consciência de *um ser consciente ativo*, cujo modo de existir consiste em intervir transformadoramente na realidade" (p. 114, grifos do autor). Tomando a atividade humana (prática e teórica) como fenômenos distintos, Feuerbach não consegue perceber que a atividade subjetiva/teórica existe objetivamente. Nesse sentido, para Marx, "o defeito de Feuerbach estava na sua incapacidade de enxergar a importância da atividade real dos homens como essencial para a compreensão do pensamento humano" (Konder, 1992, p. 115).

Vásquez ainda mostra que, a "primeira *Tese* tende a contrapor o materialismo tradicional e o idealismo no modo de conceber o objeto, e, portanto, a relação cognoscitiva do sujeito com ele" (1997, p. 151). Assim, para Marx, o materialismo tradicional postula que a imagem dos objetos impressa na consciência do sujeito cognoscente é a do objeto em si. Desse modo, o sujeito tem um papel passivo e é isso que Marx tem em mente, conforme Vásquez, ao mostrar a necessidade de substituir o objetivismo do materialismo tradicional "por uma concepção de realidade, do objeto, como atividade humana, como prática, ou seja,

subjetivamente. O objeto do conhecimento é produto da atividade humana, e como tal - não como mero objeto de contemplação - é conhecido pelo homem" (p. 152).

O idealismo percebeu, por outro lado, o papel ativo do sujeito. "O sujeito não capta determinados objetos, em si, mas produtos de sua atividade". Marx, na visão de Vásquez, "tem presente a concepção idealista do conhecimento que Kant inaugurou, e segundo a qual o sujeito conhece um objeto que ele mesmo produz" (1997, p. 152-3). No entanto, essa atividade do sujeito é reconhecida no idealismo como "a do sujeito consciente, pensante; daí ser ela considerada abstratamente, já que não inclui a atividade prática, sensível, real" (Vásquez, 1977, p. 153). Marx elabora uma concepção do objeto como resultado da atividade subjetiva, mas não entendida abstratamente e sim como atividade real dos homens. Dessa forma, "conhecer é conhecer objetos que se integram na relação entre o homem e o mundo, ou entre o homem e a natureza, relação que se estabelece graças à atividade prática humana" (Vásquez, 1977, p. 153). A prática, para Marx, "é fundamento e limite do conhecimento e do objeto humanizado que, como produto da ação, é objeto do conhecimento" (Vásquez, 1977, p. 154). Fora da prática está a natureza em seu estado bruto e, assim o é, porque permanece em sua existência imediata, como natureza em si, ou seja, sem sofrer a ação humana.

Isso não significa que Marx não reconheça a existência de uma natureza à margem da práxis. "Ele nega é que o conhecimento seja mera contemplação, à margem da prática. O conhecimento só existe na prática, e é o conhecimento de objetos nela integrados, de uma realidade que já perdeu, ou está em vias de perder, sua existência imediata, para ser uma realidade mediada pelos homens"



(Vásquez, 1977, p. 155). Dessa forma, Marx afirma a externalidade dos objetos, traduzida em termos de conhecimentos, idéias, valores, etc. e declara que o homem é um ser que se faz homem na medida em que torna sua, por meio da apropriação, a humanidade que não lhe é impingida ao nascer, o que traduz a dinâmica do processo de transformação dos objetos e autotransformação dos homens, o que torna as objetivações ser do homem.

Vigotski iniciou a elaboração dos seus estudos na década de vinte, portanto, em um momento em que surgia a grande crise na Psicologia em função do choque entre as duas direções tomadas nesse campo. Segundo Lúria, no texto *O problema da linguagem e a consciência, a crise*

(...) consistiu em que a psicologia praticamente dividiu-se em duas disciplinas independentes. Uma, a 'psicologia descritiva' ou 'psicologia da vida espiritual' ('Geisteswissenschaftliche Psychologie'), reconhecia as formas superiores complexas da vida psíquica, mas negava a possibilidade de sua explicação e limitava-se à sua fenomenológica ou descrição. A outra, a psicologia 'explicativa' ou científica natural ('Erklärende Psychologie'), entendia que sua tarefa era a construção de uma psicologia cientificamente fundamentada, mas se limitava à explicação dos processos psíquicos elementares, negando-se, em geral, a qualquer classe de explicações **das formas mais complexas da vida psíquica** (1987, p. 20, grifos do autor).

A saída da crise, de acordo com Lúria (1987), estava na conservação do estudo das formas mais complexas de consciência pela Psicologia, mas garantindo o seu enfoque materialista, ou seja, que essas formas complexas originam-se da atividade real dos homens. Assim, Vigotski, na busca de construção de uma nova Psicologia fundada

nos pressupostos do materialismo histórico, formula uma saída para a grande crise vivida pela Psicologia:

(...) para explicar as formas mais complexas de vida consciente do homem é imprescindível sair dos limites do organismo, buscar as origens desta vida consciente e do comportamento 'categorial', não nas profundidades do cérebro ou da alma, mas sim nas condições externas da vida e, em primeiro lugar, da vida social, nas formas **histórico-sociais da existência do homem** (Lúria, 1987, p. 20-1, grifos do autor).

Marx já havia dito que a atividade consciente tem origem na atividade prática dos homens, pois dessa atividade vital originam-se as formas de conduta humana independentes dos motivos biológicos. Vigotski, então, busca as raízes da atividade psicológica nos signos que se constituem na atividade material e social dos homens. Nesse sentido, Vigotski, procurando explicar como as funções sociais se convertem em funções do próprio indivíduo, enfatiza os processos semióticos que têm existência e se constituem nas relações sociais.

De acordo com Marx e Engels, a apropriação resulta do fato de as forças produtivas adquirirem uma existência objetiva, independente dos indivíduos e das formas naturais. Portanto, "a apropriação destas forças nada mais é do que o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é, exatamente, por isso, o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos" (1996, p. 105). Nesse sentido, destacam ainda que essas forças somente *são reais no intercâmbio e relação entre os indivíduos*. Assim, o termo *apropriação* expressa explicitamente os vínculos dos trabalhos de Vigotski e de seus colaboradores com o pensamento filosófico que orientou os estudos

desses autores. Smolka, ao se propor a “discutir um certo modo de conceber e elaborar teoricamente a questão da *apropriação*, não estritamente ligada ao construto de internalização, mas relacionada principalmente ao problema da significação” (2000, p. 129, grifos da autora), assinala que “o termo *apropriação* adquire relevância teórica especialmente quando embasado no materialismo histórico-dialético” (p. 28).

O pressuposto de que a explicação das formas superiores do psiquismo deve ser buscada nas formas de vida socialmente constituídas não pode conduzir à interpretação de que o homem é fruto da realidade, exercendo um papel passivo em frente a ela. O mundo com o qual as pessoas se relacionam, por intermédio das outras pessoas, não é uma realidade em si, ou seja, um mundo que não sofreu a ação humana, mas é constituída pelos próprios homens numa atividade em que estes modificam a natureza, a si mesmos e aos seus semelhantes. Nesse sentido, Vigotski ressalta que *as funções psicológicas superiores, no seu desenvolvimento, são subordinadas às regularidades históricas*. Estarem subordinadas às regularidades históricas não significa estarem apenas comprometida... com o passado, mas esta é uma *condição que se define por sua projeção no futuro*. A concepção de história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, presentes nos estudos de Vigotski e, anteriormente, na obra de Marx, conduz, portanto, à centralidade da práxis humana, atividade do homem distinta da atividade animal, por ser duplamente livre: das determinações biológicas e hereditárias e para produzir de maneira planejada e premeditada. Dessa forma, Vigotski, no trabalho intitulado *A consciência como problema da psicologia do comportamento*, assinala que a novidade do comportamento humano em relação ao comportamento animal é o fato de o “homem

(...) [adaptar] ativamente o meio a si mesmo”, enquanto os animais “adaptam-se passivamente ao meio” (Vigotski, 1996, p. 65). Segundo o autor,

(...) a aranha que tece a teia e a abelha que constrói as colméias com cera o farão por força do instinto, como máquinas, de um modo uniforme e sem manifestar nisso uma atividade maior do que nas outras reações adaptativas. Outra coisa é o tecelão ou o arquiteto. Como diz, Marx, eles construíram previamente sua obra na cabeça; o resultado obtido no processo de trabalho existia idealmente antes do começo do trabalho (1996, p. 65).

A práxis, segundo Konder “é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la transformando-se a si mesmos” (1992, p. 115). Nessa acepção, a práxis não compreende apenas a atividade pela qual o homem se relaciona com a natureza, por intermédio dos instrumentos, transforma-a, dando-lhe uma forma humana, mas compreende, também, a atividade intersubjetiva, comunicativa, que possibilita aos homens transformarem a si mesmos e aos seus semelhantes.

Vigotski, a partir dessa visão histórica, entendeu que a atividade essencial humana se baseia no uso de instrumentos e dos signos, mas enfocou o signo, pois nele está a possibilidade de compreensão da gênese dos processos psíquicos. A utilização dos signos proporciona uma reorganização dos processos naturais que se desenvolvem no indivíduo, potencializando-os, transformando-os e possibilitando um maior controle sobre o seu próprio comportamento e dos outros.

Dessa forma, as crianças não se apropriam dos resultados do desenvolvimento histórico imediatamente. Conforme mencionamos, esse processo é mediado pelas relações

que são estabelecidas com as outras pessoas, no decorrer de suas vidas. Vigotski (1987) diz que é por meio dos outros que nos convertemos em nós mesmos, o que significa dizer que toda atividade interna foi antes externa, foi para as outras pessoas o que é para nós. Para Vigotski, falar que uma função foi externa é falar que ela foi social. “Qualquer função psíquica superior foi externa, porque foi social antes de ser interna; antes de ser propriamente uma função psíquica consistiu em uma relação social entre duas pessoas” (1987, p. 161, tradução nossa). Essa idéia é uma paráfrase da sexta *Tese* de Marx que diz:

Feuerbach converte a essência religiosa na essência humana. Porém a essência humana não é uma abstração inerente ao indivíduo singular. Em sua realidade efetiva, ela é o conjunto das relações sociais. Feuerbach, que não entra na crítica desta essência real efetiva, é conseqüentemente obrigado:

1. A fazer abstração da história e a fixar o sentimento religioso para si, e a pressupor um indivíduo humano abstrato-isolado.
2. A essência só pode então ser percebida como ‘gênero’, como universalidade interna, implícita, ligando os numerosos indivíduos de **maneira natural** (Labica, 1990, p. 33, grifos do autor).

Assim, Vigotski afirmou que “la naturaleza psicológica del hombre constituye un conjunto de relaciones sociales, trasladadas al interior y que se han convertido en funciones de la personalidad y en formas de su estructura” (1987, p. 162). A paráfrase da sexta *Tese* deve ser compreendida como a afirmação do caráter mediado dos processos psicológicos, porque as significações, função do signo, só existem entre as pessoas. É importante ressaltar ainda que as funções não perdem o seu caráter social quando se tornam próprias de um indivíduo particular. Em Marx, a idéia da

não oposição entre o social e o individual é apontada, no terceiro de seus *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844).

Mesmo quando eu sozinho desenvolvo uma atividade **científica**, etc., uma atividade que raramente posso levar a cabo em directa associação com outros, sou **social**, porque é enquanto **homem** que realizado tal atividade. Não é só o material da minha atividade – como também a própria linguagem que o pensador emprega – que me foi dado como um produto social. A minha **própria** existência é atividade social. Por conseguinte, o que eu próprio produzo é para sociedade que o produz e com a consciência de agir como ser social (p. 195, grifos do autor).

Nesse sentido, o indivíduo é um ser social, porque todas as produções humanas que se encontram fora do homem e que constituem o requisito fundamental para a humanização das novas gerações são produtos da atividade social de outros homens. Dessa forma, como assinala Duarte (1993, p. 77), “o que caracteriza a atividade humana enquanto uma atividade social não é o fato do indivíduo agir de forma imediatamente coletiva, mas sim o fato de que os elementos constitutivos da atividade são objetivações sociais”.

Finalmente, de acordo com Leontiev, Vigotski introduziu na Psicologia a idéia “de que o principal mecanismo do desenvolvimento psíquico, na criança, é o mecanismo da *apropriação* das diferentes espécies e formas sociais de atividade historicamente constituídas” (1978, p. 155, grifo nosso). Essa categoria, oriunda da tradição filosófica marxista, contrapõe-se ao conceito de adaptação e equilibração para explicar o desenvolvimento do psiquismo. A adaptação, segundo Leontiev, é o “processo de *modificação* das faculdades e caracteres específicos do sujeito e do seu comportamento inato, modificação provocada

pelas exigências do meio" (1978, p. 320, grifo do autor) e, por isso, não explica o desenvolvimento no indivíduo das aquisições da herança cultural. A apropriação, no entanto, "é o processo que tem por resultado a *reprodução* pelo indivíduo de caracteres, faculdades e modos de comportamentos formados historicamente" (p. 320, grifo do autor).

Para Leontiev, "a natureza do homem é ao mesmo tempo natural e social" (1978, p. 160), pois conforme discutimos, sem as propriedades naturais resultantes do desenvolvimento biológico, o desenvolvimento sócio-histórico, provavelmente, não seria possível. Os mecanismos hereditários e inatos são, portanto, condições que tornam as apropriações possíveis sem, contudo, determinar *a sua composição ou a sua qualidade específica*, pois os resultados da prática social e histórica dos homens não se acumulam ou se fixam da mesma forma que as propriedades da espécie, por herança genética. Eles surgem sob a forma material objetiva, como objetivações que se concretizam sob uma forma exterior e, por isso, as crianças precisam apropriar-se delas para *reproduzirem* em si mesmas as aquisições do desenvolvimento histórico. Porém, a apropriação só se torna possível se as relações das crianças com o mundo das objetivações forem mediatizadas pelas relações com as outras pessoas. Por sua vez, as relações entre pessoas se realizam por intermédio da linguagem, sendo, portanto, relações de comunicação.

Dessa forma, é por meio da linguagem que medeia as relações entre as crianças e o mundo humano; as relações das crianças e as outras pessoas, efetivando as apropriações, possibilitando que as crianças descubram progressivamente a significação social dessas objetivações. A comunicação é tão essencial para o processo de apropriação que Leontiev (1978), recorrendo ao curso de Piéron sobre a

hominização, comenta que, se fossem destruídas todas as pessoas adultas da face da Terra e só restassem as crianças pequenas e as objetivações, a história seria interrompida e teria que ser recomeçada, pois a continuidade da história deve-se à transmissão para as novas gerações da cultura humana por meio da comunicação que se desenvolve entre as pessoas.

A proposição de que a linguagem é, portanto, as significações refletidas nela são a mediadora do processo de constituição nos indivíduos particulares das funções que se constituíram ao longo da história humana possibilitou romper concepções que isolavam a atividade intelectual da atividade exterior, considerando a primeira como "manifestação de um princípio espiritual particular – o mundo da consciência, oposto ao mundo da matéria e da extensão" (Leontiev, 1978, p. 117). Essa concepção idealista que opõe espírito e matéria influenciou determinadas correntes da Psicologia que postulam a oposição e a independência da atividade intelectual/interior em relação à atividade prática/externa.

Segundo Leontiev, "a concepção tradicional do psiquismo distingue dois tipos de fenômenos e processos. Os primeiros são fenômenos e processos interiores, que encontramos em nós; as imagens sensíveis, os conceitos, as sensações e também os processos de pensamento, da imaginação, da memorização voluntária, etc." (1978, p. 140) e os outros são fenômenos e processos que constituem o mundo da matéria e da extensão. "São a realidade concreta que circunda o homem, o próprio corpo deste, os fenômenos e processos fisiológicos que se realizam nele. Este conjunto constitui o domínio do físico, o mundo da 'extensão'" (p. 140). Nessa visão, somente os primeiros, pelo seu caráter supostamente subjetivo, seriam objetos de estudo da Psicologia. Por outro lado, a separação entre

os fenômenos internos e externos também serviu de base para a elaboração de um sistema psicológico que se dedicou a estudar os fenômenos ou reações que são visíveis no homem. Vigotski contrapõe-se às visões que se baseiam na idéia de um *psiquismo como essência com existência própria*. Para esse autor, as funções psíquicas formam-se nos indivíduos, a partir das relações que estes estabelecem com as outras pessoas e, portanto, por meio da mediação sógnica que possibilita os processos de comunicação.

Assim, são duas as condições para que as apropriações tornem-se possíveis: as propriedades biológicas herdadas e a comunicação com outras pessoas que ocorre por meio da linguagem. "A criança, no momento do seu nascimento, não passa de um candidato à humanidade, mas não a pode alcançar no isolamento: deve aprender a ser um homem na relação com os outros homens" (Leontiev, 1978, p. 239). A linguagem não é apenas um meio de comunicação entre os homens. Ao longo do desenvolvimento histórico, ela passa a refletir a realidade na forma de significações, pois sintetiza/cristaliza as práticas sociais, sendo, portanto, simultaneamente, objeto de conhecimento e mediadora do processo de apropriação das produções humanas.

### 3. Mediação semiótica

Como discutimos, para Vigotski, "qualquer função no desenvolvimento da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos: primeiro como algo social, depois como algo psicológico; primeiro entre as pessoas, como uma categoria interspíquica, depois na criança como uma categoria intraspíquica" (1987, p. 161, tradução nossa). Dessa forma, em termos psicológicos, a apropriação é o processo que torna possível a transição para

o plano individual, das funções que, no início, foram construídas no plano social.

Toda função psíquica foi, no princípio de seu desenvolvimento na criança, uma função externa. O que significa dizer que ela foi social, pois se formou a partir das relações entre pessoas. Um exemplo específico desse processo, citado por Vigotski, é a linguagem. No princípio, ela é uma das formas de comunicação entre as crianças e as pessoas que vivem à sua volta, "mas, no momento em que a criança começa a falar para si, pode se considerar como a transposição da forma coletiva de comportamento, para a prática do comportamento individual" (1987, p.112, tradução nossa), ou seja, a criança começa a exercer sobre si mesma a ação que, antes, era exercida por outras pessoas. A função que estava dividida entre duas pessoas se constitui, na criança, de forma unificada.

Para Pino (1992), no entanto, as análises disponíveis não são suficientes para auxiliar a compreensão e a explicitação do que é apropriado e do processo de apropriação. Contudo, com base em Vigotski, diz que o que é apropriado são as significações e, dessa forma, o processo de apropriação é de natureza semiótica. Nesse sentido, considera que o conceito de mediação semiótica pode fornecer elementos para a compreensão do processo de apropriação, porque esse conceito:

Em primeiro lugar, revela-nos que tanto as interações sujeito-objeto – relações epistemológicas – quanto às interações sujeito/sujeito – relações eminentemente comunicativas – não são nem diretas nem imediatas, mas mediatizadas por 'instrumentos semióticos'. Em segundo lugar, que essa função mediadora dos 'instrumentos semióticos' (os signos) é papel da significação, não do significante nem do referente. Em terceiro lugar, que, em razão da natureza da significação, ela acontece no próprio ato de

comunicação, qualquer que seja a forma como esta torna. Mesmo tratando dos significados das palavras – as zonas mais estáveis da significação – não só eles são reconstituídos cada vez no próprio ato da comunicação como admitem variações – ou sentidos, zonas menos estáveis da significação – em função da subjetividade de cada um dos agentes do processo de comunicação (Pino, 1992, p. 322, grifos do autor).

Dessa forma, o que torna possível a constituição, no plano individual, das funções psíquicas, é a mediação por intermédio dos signos. O signo que, no início do desenvolvimento histórico da humanidade, nasceu da necessidade de os homens comunicarem-se e interferirem sobre os outros, no processo de desenvolvimento infantil é, também, um meio de conexão das funções psíquicas que torna a apropriação possível.

Vigotski (1987) assinala que a invenção e o uso dos signos apresentam uma analogia com a invenção e o uso de instrumentos, pois ambos expressam o caráter mediado das relações humanas. Os signos nasceram da necessidade de os homens comunicarem-se com os seus parceiros e de intervirem sobre eles e os instrumentos resultaram da ação do homem sobre a natureza. Desse modo, signos e instrumentos são mediadores das relações construídas pelos próprios homens para garantir a continuidade da história e a reprodução da espécie. No entanto, o autor assinala que a analogia entre o signo e o instrumento não deve levar à identificação desses conceitos, pois eles se diferem quanto à orientação: o instrumento é um diretor da atividade externa do homem e, por isso, está dirigido para o domínio da natureza, enquanto o signo é um meio de intervenção sobre si mesmo e sobre as outras pessoas e, dessa forma, está dirigido para a atividade interna.

Vigotski (1987) chama de signo qual-

quer estímulo criado artificialmente pelo homem *que seja um veículo para o domínio da conduta alheia ou própria*. A especificidade da conduta humana resulta desta atividade fundamental: criação e utilização de signos. No plano da linguagem, Bakhtin (1992) ajudamos a esclarecer essa questão e, por isso, as suas elaborações têm uma importância fundamental. Para esse autor, a realidade psíquica/interior é a do signo e é por meio deste que o organismo e o mundo se encontram. O signo é um fenômeno do mundo exterior, resultado das práticas sociais humanas, portanto, o conteúdo da atividade psíquica origina-se da realidade exterior e está impregnado por ela.

Afirma ainda que "os signos só podem existir em um terreno interindividual" (Bakhtin, 1992, p. 35). Isso significa que eles constituem-se entre indivíduos "que estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social)" (p. 35). Se o conteúdo do psiquismo é o signo, constituído no terreno interindividual, a explicação para o psiquismo, para a atividade psíquica, deve ser elaborada desde essa realidade. A consciência, segundo Bakhtin,

(...) adquire forma e existência nos signos criados por um grupo no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (1992, p. 35-6).

Ainda de acordo com Bakhtin (1992), *o material semiótico da vida interior, da consciên-*

*cia (discurso interior)* é a palavra, a linguagem. A palavra, que resulta do consenso entre indivíduos, constitui *material veiculável pelo corpo*. Nesse sentido, a realidade psíquica é definida em termos da significação, pois esta é a função do signo; sem isso, o signo não é signo e a palavra não é palavra. Sem a significação, não existe atividade psíquica.

Por significação, (...) entendemos os elementos da enunciação reiteráveis e idênticos cada vez que repetidos. Naturalmente, esses elementos são abstratos: fundados sobre uma convenção, eles não têm existência concreta independente, o que não os impede de formar uma parte inalienável, indispensável, da enunciação (p. 129).

Dessa forma, as significações mantêm uma dependência direta com os contextos onde são produzidas e, portanto, com o contexto interlocutivo. Bakhtin (1992) assinala que a diferença entre o signo interior e signo exterior reside no fato de a *significação realizada por meio da atividade psíquica/interior*

*se dirigir para o próprio indivíduo*. Apesar de o conteúdo semiótico do psiquismo se constituir na prática social dos homens e, portanto, refletir a lógica e as leis da interação semiótica de um grupo social, ele pertence também ao sistema do psiquismo individual. Assim, o signo interior, que é a palavra, o discurso interior, assemelha-se mais "às réplicas de um diálogo. Não é por acaso que os pensadores da Antiguidade já concebiam o discurso interior como um diálogo interior" (Bakhtin, 1992, p. 63). A linguagem, as palavras são signos por excelência. É especialmente por meio da linguagem que as pessoas agem umas sobre as outras num processo contínuo de autotransformação. Assim, a apropriação pelos indivíduos dos resultados do desenvolvimento histórico é possível por meio da mediação sógnica, que possibilita as relações entre as pessoas e, ao mesmo tempo, sintetiza, cristaliza as práticas sociais humanas, traduzidas em idéias, valores, saber fazer, tradições, etc.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992. 196 p.
- DUARTE, Newton. *A individualidade para-si*: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. São Paulo: Autores Associados, 1993. 227 p.
- GUIMARÃES, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis*: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 140 p.
- LABICA, Georges. *As Teses sobre Feuerbach\* de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. 194 p.
- LEONTIEV, Alexis. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1978. 350 p.
- \_\_\_\_\_. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, Liev Semionovich; LURIA, Alexandr Romanovich; LEONTIEV, Alexis. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 4. ed. São Paulo: Icone, 1988. p. 54-84.

- LURIA, Alexandr Romanovich; LEONTIEV, A. N.; TIEPLOV, B. M. Prólogo de los redactores de la edición soviética. In: VIGOTSKII, Liev Semionovich. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Cuba: Editorial Científico Técnica, 1987. 215 p.
- LURIA, Alexandr Romonovich. A criança e o seu comportamento. In: VYGOTSKY, Liev Semionovich; LURIA, Alexandr Ramonovich. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 151-238.
- \_\_\_\_\_. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VIGOTSKII, Liev Semionovich; LURIA, Alexandr Ramonovich; LEONTIEV, Alexis. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 4. ed. São Paulo: Icone, 1988. p. 143-189.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 251 p.
- MARX, Karl. *Manuscritos económicos-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1993. 270 p.
- \_\_\_\_\_. *O capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1988, v. 1.
- MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *A ideologia alemã (Fuerbach)* 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PINO, Angel. As categorias de público e privado na análise do processo de internalização. *Educação & Sociedade*, Revista Quadrimestral de Ciência da Educação, Campinas, n. 42, p. 315-327, ago. 1992.
- \_\_\_\_\_. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos CEDES*, Campinas: Papirus, n. 24, p. 32-43, 1991.
- SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Cadernos CEDES*, Campinas: Centro de Estudos e Sociedade, UNICAMP, n. 50, p. 26-40, 2000.
- VEER, René Van Der; VALSINER, Jaan. *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Loyola, 1996. 479 p.
- VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Cuba: Editorial Científico Técnica, 1987. 215 p.
- \_\_\_\_\_. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168 p.
- \_\_\_\_\_. *Obras escogidas*. Tomo II, 1993. 484 p.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. Psicologia concreta do homem. In: *Educação & Sociedade*, Campinas: Cedes, ano XXI, n. 71, p. 21-44, jul. 2000.
- \_\_\_\_\_. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 524 p.
- \_\_\_\_\_. Comportamento do macaco antropóide. In: VYGOTSKY, Liev Semionovich; LURIA, Alexandr Ramonovich. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 55-92.
- \_\_\_\_\_. O homem primitivo e seu comportamento. In: VYGOTSKY, Liev Semionovich; LURIA, Alexandr Ramonovich. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 93-150.